

ESPECIAL LONGEVIDADE

Velhice como destino



IMAGEM: KIPPER

A velhice não é apenas um fenômeno biológico e psicológico. Depende do modo como cada cultura e sociedade concebem o que é ser jovem e velho, bem como a intensidade do valor atribuído a cada uma dessas etapas da vida. Particularmente hoje, com a aceleração do tempo e a apologia da boa forma e da performance, a velhice é repetidas vezes negada. O artigo destaca que ser velho é um destino, e que, na passagem do tempo, é a condição humana que prevalece.

por **Maria Ester de Freitas** FGV-EAESP

A pesar de as sociedades contemporâneas, particularmente as ocidentais, valorizarem exageradamente a juventude e a beleza corporal, como atesta o crescimento vertiginoso da indústria de bens e serviços estéticos, cosméticos e de cirurgias plásticas, a busca do rejuvenescimento e da

beleza duradoura perde-se nas brumas do tempo.

Mitos dão conta de alguns exemplos, como o caso da discórdia, no Olimpo, entre Afrodite, Hera e Atena, para a escolha da mais bela. Ou mesmo a tragédia que se abate sobre Narciso, o jovem eternamente

belo. Personagens históricos belos e sedutores podem ser representados por Cleópatra e seus cuidados com a pele ou por Casanova e seu zelo com o corpo e a mente.

A literatura infantil também nos brinda com algumas estórias aparentemente cândidas que tratam beleza

e juventude quase como sinônimos, como nos casos da madrasta muito má de Branca de Neve e seu espelho mágico, da beleza congelada por muitas décadas da Bela Adormecida, da Bela e da Fera, da linda Gata Borralheira, etc.

A literatura adulta também dá o seu testemunho da obsessão pela beleza e juventude com Dorian Gray; com o acordo de alma feito por Fausto e Mefistófeles; com o encanto físico e lingüístico de Don Juan, etc. Em todos esses casos, existe um embate entre o Bem e o Mal, cujo final quase sempre é o de uma alma perdida vagando ou da morte pura e simples. O Bem é quase sempre jovem e lindo, enquanto a feiúra tem a cara velha e malvada do Mal.

Juventude e velhice. O significado de belo é difícil de ser consensual, porém o que é a juventude é quase um ponto pacífico, ainda que os limites que separam os jovens dos velhos sejam culturalmente determinados e historicamente mutáveis.

A juventude é o momento da vida em que existe o futuro, no qual as capacidades físicas e intelectuais estão em ascensão e o organismo se fortifica e torna-se mais resistente. Já na velhice, o futuro não existe e o presente é ambíguo, ao passo que o passado retorna na forma de lembranças, delírios, devaneios, hábitos empedernidos e teimosias irascíveis. Ser velho e doente são quase sinônimos. Numa comparação como essa, não poderiam deixar de ser compreensíveis os motivos que levam indivíduos e sociedades a considerar a velhice um

Existem indivíduos que “recusam-se” a morrer ou a envelhecer irremediavelmente, animados por um imperativo categórico que os obriga a concluir um livro, um quadro, uma obra, um projeto.

estorvo, um mal a ser evitado, um tabu e uma fase da vida a ser negada.

O orgulho próprio da juventude, e de uma vida adulta saudável, nos leva a esquecer (ou a negar) que cada um de nós traz o velho dentro de si. Eufemismos como “a melhor idade” traduzem muito mais uma ironia e um cinismo que um consolo ou uma verdade, pois ninguém em sã consciência diria que no momento em que o corpo se degrada de todas as formas se tem o melhor da vida. Por outro lado, a lucidez aparece como o maior elogio que se pode fazer a alguém. A expressão “mas ele continua lúcido” é uma forma de mascarar as outras deficiências e valorizar o que ainda resta do sujeito, como se ele apresentasse um atributo positivo pelo qual é responsável e que é digno de registro.

O ciclo do tempo. Envelhecer é um tema que incomoda os jovens, adultos e velhos. Incomoda os velhos porque eles podem ficar ainda mais velhos; mas provoca em todos nós a necessidade de pensar no próprio destino, na transformação a ser operada pelo tempo, pensar que existe uma lei da vida que faz do declínio algo inexorável.

A velhice chega, inevitavelmente, com o tempo: ela se enreda na

passagem dos nossos melhores dias e de forma tão silenciosa que não percebemos o ponto de inflexão que nos transforma em velhos. É claro que observamos mudanças na aparência, no vigor físico, nas falhas da memória e em outros sinais, mas não sabemos exatamente em que momento ficamos velhos, em que momento o nosso organismo começou a exibir os traços do declínio. A velhice é um fenômeno biológico dinâmico que provoca alterações profundas no nosso corpo, além daquelas que aparecem no espelho.

Do nascimento aos 20 anos, o desenvolvimento do nosso organismo tende a aumentar as suas chances de sobrevivência: ele torna-se mais forte, mais resistente, e suas possibilidades aumentam em todos os sentidos. Essa mutação é benéfica, enquanto outras são indiferentes, como o número de neurônios cerebrais, cuja quantidade é tão grande em relação às nossas necessidades que não importa se ela ainda aumenta ou diminui naturalmente.

A partir dos 30 anos, sabemos que o nosso organismo esboça alguma involução dos órgãos, mas não se pode falar ainda em envelhecimento. Podemos compensar o declínio físico com o cultivo do saber prático e

intelectual, bem como contorná-lo por meio de instrumentos: óculos, lentes, próteses, motores, implantes, etc. A anatomia pode, hoje em dia, ser reconstruída.

Simultaneamente ao declínio físico, as doenças mentais são mais comuns em pessoas idosas que nos jovens. Demência senil é uma questão de tempo para todos nós, caso não nos encontremos antes com a morte. A lucidez que muito vive encontra em algum momento o seu limite. É fato que a saúde física e mental depende estreitamente do nível de vida, dos confortos de que podemos dispor. Ainda que não seja determinada

economicamente, existe diferença entre uma “velhice confortável” e uma “velhice deplorável”.

Viver a velhice. A degradação é feia e causa repulsa, mesmo quando os costumes a desaprovam. Com o avanço da idade, a passagem do tempo não é o prenúncio de um futuro, mas o distanciamento da juventude. A falta desse futuro é determinante nos sentimentos que a sociedade e o próprio idoso têm relativamente à sua condição de velho. Isso significa que o velho considera o que ele é para os outros e também o que ele é para si.

Os velhos vivem de lembranças, do passado, de uma vida que ficou atrás de si; os momentos presentes trazem novidades, mas que geralmente são ignoradas, evitadas, negadas. A rigidez de alguns hábitos e mesmo o apego a alguns valores podem ser formas de o indivíduo reduzir as inseguranças e as ansiedades de um tempo e um modo de vida que não são mais os seus.

Os velhos descobrem a finitude de sua vida, que era ignorada quando mais jovens. Portanto, não é incompreensível que o seu futuro como velho seja, na verdade, a sua reaproximação com o passado, com a exacerbação de algumas características comportamentais como agressividade, cólera, tirania, ciúme, ceticismo, bom humor, alegria, ironia, etc.

Parece que existe uma inversão: enquanto fisicamente os traços conhecidos tendem a desaparecer e dar lugar a outros, os aspectos psíquicos parecem ganhar contornos mais fortes e marcantes. Manias e teimosias podem ser muito duras de suportar por quem está perto, mas também podem ser vistas como uma luta do idoso para manter algum controle sobre si mesmo.

Velhice na história. Simone de Beauvoir foi conhecida como uma grande escritora, uma feminista engajada, a mulher de Sartre e a autora de *O segundo sexo*. Em 1970 ela escreveu um livro sobre a condição de vida dos idosos, *A velhice*, um amplo ensaio, infelizmente não muito conhecido. Nessa vasta obra, a autora refaz o percurso do tratamento dado



à velhice nas sociedades antigas e nas sociedades históricas, assentada em uma rica documentação.

Esse estudo também atravessa o mundo intelectual e o das artes; analisa certas categorias profissionais, como músicos, escritores, escultores, filósofos, juristas, políticos, no correr dos tempos, e cita inúmeros exemplos da vida de personalidades célebres. Além de referir-se ao tratamento dado aos velhos em várias obras, Beauvoir fala da maneira como os grandes homens viveram as suas velhices.

O traço mais comum a uma esmagadora maioria era expresso pelo desânimo, raiva, resignação e muita tristeza. Foram poucas as exceções, sendo Victor Hugo apontado como um dos mais animados nessa fase da vida. Voltaire também acatou com brio o tributo da passagem do tempo. Muitos mestres produziram maravilhas nos seus últimos anos (Monet, Goya, Goethe, Tolstói, Voltaire), mesmo assumindo a tristeza em face do sentimento de irreversibilidade. “Oitenta anos! Foram-se os olhos, os ouvidos, os dentes, as pernas e o fôlego! E é impressionante, apesar de tudo, como se consegue passar sem tudo isso!”, diz Claudel.

Por outro lado, Voltaire foi um homem de saúde frágil durante toda a sua vida, declarando-se mesmo um moribundo desde a juventude, porém aos 70 anos escreveu: “O coração não envelhece, mas é triste morar nas ruínas”, e ainda: “É verdade que estou um pouco surdo, um pouco cego, um pouco deficiente, sendo este conjunto coroado por três ou quatro deficiências abomináveis: mas nada me tira a esperança”.

Este é um mundo em que os velhos estão banidos, no qual a lentidão é quase uma falha de caráter. Também os velhos não se ajustam à moda e, assim, não saem bem na foto em que se deve exibir publicamente dinamismo, arrojo, garra e fé inabalável no futuro.

Mais comum, todavia, são as lamúrias, as reclamações, as desistências, a fúria, o desencanto e a desesperança. Esse homem que olha para si e para a sua história e sente-se um rascunho de si mesmo parece o fruto da consciência cruel da realidade. É o olhar que vê que os seus projetos ou já foram realizados ou foram abandonados, que não existe mais força, vigor, energia, atenção nem tempo para começar novas empreitadas. Ainda assim, existem indivíduos que “recusam-se” a morrer ou a envelhecer irremediavelmente, animados por um imperativo categórico que os obriga a concluir um livro, um quadro, uma obra, um projeto.

Essa obstinação pode ser um traço que mantém o indivíduo produtivo e alimenta a sua paixão pelos projetos, uma forma de dignidade na vivência da idade como um desafio. Esse é o tema que Hemingway desenvolve, brilhantemente, em *O velho e o mar*. Seu pescador, Santiago, diz: “Um homem pode ser destruído, mas não vencido”. Outro exemplo nos é dado por Renoir, que a partir dos 60 anos viveu semiparalítico. Não podia andar, e suas mãos endureceram; no entanto, pintou até a morte, aos 78 anos. Alguém apertava os tubos de

tinta sobre a paleta, e ele amarrava o pincel na mão para trabalhar: “Não se precisa de mão para pintar”.

Os velhos e as empresas. A aceleração da sociedade moderna torna a experiência, os saberes, as capacidades e as habilidades individuais acumuladas em algo descartável porque se tornam facilmente obsoletas. Tudo isso perde validade, e o conhecimento sempre se desatualiza; o nosso estado de ignorância se eleva sempre que novas descobertas, invenções e aplicações se ampliam.

O mundo do trabalho exige cada vez mais novas qualificações e maiores disponibilidades não apenas para a aprendizagem contínua, mas para a renovação rápida. Aqui, velocidade e inteligência são tratadas como sinônimas. Este é, pois, um mundo em que os velhos estão banidos, no qual a lentidão é quase uma falha de caráter. Também os velhos não se ajustam à moda e, assim, não saem bem na foto em que se deve exibir publicamente dinamismo, arrojo, garra e fé inabalável no futuro.

Os velhos resmungam, são críticos, são descrentes, antecipam defeitos, não mudam de posição com facilidade, conversam demais, igno-

ram que podem estar atrapalhando os colegas, só escutam quando querem, exigem atenção para as suas repetidas estórias e não se ajustam à tão necessária flexibilidade. Dado que características como compromisso, coerência, lealdade, consistência, experiência já não são mais requeridas nem valorizadas como antes, os velhos não têm muito com que contribuir nas empresas.

Para os indivíduos, a idade que avança é a revelação da sua mortalidade, de sua finitude, do vencimento do seu prazo de validade. Já as empresas vivem ou podem viver a idade de forma diferente: podem incorporar as últimas novidades tecnológicas, melhorar processos e procedimentos, fazer reestruturações dos mais diversos tipos, cortar ou aumentar unidades, tudo isso ao mesmo tempo.

Quando uma empresa sobrevive aos obstáculos, escreve uma saga sobre os seus orgulhos e sente-se rejuvenescida. As empresas podem ser passadas a limpo a todo tempo, estando constantemente atrás de uma fonte de rejuvenescimento.

As fusões e aquisições, tão comuns nos dias que correm, operam um milagre: transformam imediatamente o velho em criança sem ter o inconveniente da demência. O ciclo de vida sai da maturidade ou declínio e recomeça o seu percurso ascendente. Em relação à idade, resta a ambigüidade das mulheres vaidosas: a empresa que resulta de uma fusão é nova, novíssima, ou carrega em seu código as que lhe deram origem?

As empresas podem ser rejuvenescidas por meio de cirurgias, implantes e lipoaspirações, e é preciso

muita atenção e cuidado antes, durante e depois dos procedimentos, pois, como ocorre com as pessoas, existe sempre o risco de se morrer por causa da anestesia ou por imperícia profissional e mesmo por rejeição. Ora, se as empresas podem rejuvenescer, isso significa que, também para elas, a velhice é um destino. A grande diferença entre elas e as pessoas, no entanto, é que estas têm limites muito mais estreitos para escapar da inexorável força do tempo.

Maria Ester de Freitas

Pós-doutorado em Administração Inter-cultural pela HEC/França
Profa. do Departamento de Administração Geral e Rec. Humanos da FGV-EAESP
E-mail: mfreitas@fgvsp.br

